



TUDO O QUE É SÓLIDO SE DISSOLVE NO AR

Ninguém vai acreditar, e muito menos a artista, que levei boa parte das minhas férias dando mentalmente voltas sobre a maneira de melhor cumprir a promessa, feita há uns três ou quatro meses, de escrever um texto para o catálogo.

Mal acabei de tactear e ver, à luz natural, e contra a parede branca da sala do museu, uma pequena escolha das peças aqui reunidas e até agora inéditas, achei que não podia desperdiçar oportunidade tão feliz de chamar a atenção do público em geral e do meu público mais chegado, os meus alunos, para um tópico que me é caro, o da relação próxima, mas nem sempre óbvia entre ciência e arte. A exposição destas obras, e neste local, julgo servir bem os objectivos mútuos destas duas vertentes de estar e sentir modernos representados pela arte e pela ciência.

Devo confessar que, de imediato, me afeiçoei pela beleza elegante e sólida das peças.

Na recolha e reordenação que a autora faz dos vários materiais que utiliza, estes nunca perdem o seu confinamento natural. Demonstrando sensibilidade e respeito pelas suas propriedades visíveis, apenas os faz passar, por criativa metamorfose, a produtos artísticos e modernos que dá gosto e gozo a exibir e ver.

Há uma simplicidade, só aparente, e como que rigidez e frieza na composição e instalação dos elementos de cada módulo. Sucatas metálicas, com maior ou menor manufactura, osso e madeiras carcomidas ou o esqueleto fibroso de caules e folhas secas são reunidas, nunca de modo caótico, mas meticulosamente em caixas reliquiários. Sente-se que cada escolha é meditada. Há sempre enlace de fios que a Teresa Pavão usa em cada peça como uma assinatura ou marca de posse. E cada obra ganha uma força tensa, gerada da sujeição dos fios que moldam e mantêm a forma escolhida.

A contemplação de cada trabalho é susceptível de evocar sensações e emoções reconhecíveis da vida real: experimenta-se a ansiedade que se tem com o desabrochar das rosas ou ante a pulsão do eclodir de um ovo pela energia do ser que dele nasce. Mas, apesar disso, cada peça também infunde solidez e estabilidade, calma e equilíbrio. De cada uma como que fica a perdurar, suspenso no tempo, o próprio momento da sua criação - o gesto preciso da mão e da mente da Teresa, a travar com fios, sempre preciosos, ou pesos rigorosos, a dinâmica contida e a tensão natural das formas dobradas, das espirais e do entretecido das tramas naturais.

Do que era morto ou desperdício, a autora é capaz de pôr à vista as forças telúricas, ocultas em cada material. Sente-se que é delas que nasce a estrutura e a forma que se reconhece nos fios e nas chapas metálicas, no tecido fibroso dos restos das folhas, na estopa desfiada ou em trancinha, até nos ossos que, obviamente noutro contexto, sentimos mortos e bem mortos. E tal como, das forças materiais, surgiu a Vida no mundo primevo -desgraçada ou felizmente a gente não sabe ainda bem como - as peças têm também algo de força vital. Mas, tal como o desenvolvimento científico não tem lugar, no essencial, por via da sorte, é à porfia, em actos repetidos de busca séria e investigação, que a autora vem desenvolvendo o seu trabalho, com persistência e modernidade que permanece.

Seja-me desculpado agora, que em passada algo prosaica, senão pretensiosa, me refira, por um momento à ciência, mesmo que o enfoque se dirija apenas à do ramo amai)!/»: a muito celebrada, ia a dizer, requentada, Botânica.



Há que esclarecer, e pretendo ter essa obrigação sempre presente, que a Botânica a que me refiro pouco tem a ver com o que o vulgo por vezes confunde com o labor dos ervanários, e os mais cultos, ou com mais pendor para a arte, facilmente associam, ora às flores e pétalas hiperrealistas à volta do Cordeiro Místico, ao jeito das Josefa de Óbidos, ora à decoração vegetalista-repolhuda de certa talha e azulejos barrocos. Não. A moderna Ciência

Botânica, e creio que o mesmo se passa com a Arte, pratica-se e cria-se em mil vertentes, desde o mais teórico e fundamental que imaginar se pode, até às áreas, quase vis, da mais fria aplicação utilitária. No primeiro caso a Botânica entronca com outras disciplinas e delas mal se distingue, caso da química, física e matemática. Quanto aos aspectos mais aplicados e, por certo urgentes, encadeia-se com a produção de alimentos, madeiras e fibras, a produção de actuais e futuros fármacos, a conservação e gestão do ambiente, a restauração de habitats, etc. É em função deste panorama que, a meu ver, faz sentido reformar os clássicos Museus Botânicos, às vezes quase tão mortos como os elementos que a nossa artista usa. Há que reorientá-los, desenvolvê-los como conservatórios e observatórios científicos abertos a uma infinidade de temas e problemas que giram em torno do mundo das plantas.

Tais museus e seus congéneres na História Natural são instrumentos e locais, por excelência, para a difusão e educação para as Ciências da Vida. São, também pólos estratégicos de atracção e aliciamento vocacional de jovens para carreiras científicas de investigação.

Voltando ao tema da exposição cios objectos da Teresa Pavão e ao facto de ela ter lugar num Museu Científico, há que salientar que:

I. a natureza, cor e textura cios materiais botânicos, que predominam na incorporação dos objectos artísticos e nas molduras que os integram e conservam, evocam, sem nenhuma distorção, outros objectos, apenas naturais, igualmente belos e diversos: o acervo deste Museu em madeiras, frutos, sementes, fibras, óleos e ceras vegetais;

II. como presente responsável cio Museu Botânico, senti-me especialmente tocado pela criativa e lógica arte de arrumação patente na evolução da obra cie Teresa Pavão.

Academicamente chamamos de Taxonomia a essa ordenação lógica e diz-se que toda a Ciência é, afinal, uma Taxonomia. Se estivéssemos apenas numa confraria académica, com as provas que a autora tem vindo a prestar, surgia a dúvida onde catalogar o conjunto da sua obra: se numa Arte Científica ou como Ciência Artística.

Quem nos dera que, com qualidade semelhante à da exposição destes objectos artísticos, e num futuro útil, pudéssemos expor, com saber qualificado, dignidade e funcionalidade e, por que não? com arte, os objectos naturais arquivados nas reservas do Museu. Elas incluem, também algumas manufacturas cie cariz etnobotânico, que só rara e parcialmente têm sido expostas, apesar do grande valor científico e histórico que têm.

Do nosso acervo, as melhores colecções, por vezes com mais de dois séculos, sobretudo a carpológica e a xiloteca, provêm de África, de Angola em especial. É mesmo provável que alguns destes materiais sejam testemunhos de organismos entretanto desaparecidos e de que hoje é praticamente impossível proceder a colheitas, dada a sua raridade, por desaparecimento das suas populações e destruição dos habitats naturais.

Entende-se assim por que se dispôs, com entusiasmo, este Museu Universitário a abrigar a presente exposição. Houve em vista colher dela ânimo, inspiração e experiência para se poder dar cumprimento a obrigações, projectos e ambições que, civicamente, hoje especialmente competem a estas instituições.



No dizer recente de sociólogo (*Berman 1989) há hoje um tipo de experiência vital que é a experiência do tempo e do espaço, de si mesmo e dos outros e das possibilidades e perigos desta vida que é compartilhada por toda a humanidade. O autor chama de modernidade a esse conjunto de experiências e adianta que moderno é viver num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento e transformação das coisas em redor, mas, ao mesmo tempo, nos ameaça em tudo o que temos e somos. E fala até da experiência ambiental da modernidade no sentido de que a esse nível se esbatem todas as fronteiras: a geográfica e as outras, para concluir que em tal perspectiva a modernidade acaba por ser factor de união para a humanidade.

Quanto a mim apraz-me terminar sublinhando a importância do objecto da Ciência Botânica - as plantas - as marcas ambientais mais nítidas e, tal como a Humanidade, parte integrante na perigosa dinâmica e frágil equilíbrio da nossa modernidade ambiental. São elas, afinal, que suportam a Biosfera e continuam a ser fonte inesgotável de inspiração de cientistas, poetas e artistas como a Teresa Pavão.

Integradas, mesmo se apenas em fibras secas, nas peças de minuciosa e cuidada oficina, mais própria de tecelões e ourives medievais, passam a objectos novos e vivos, feitos de desperdícios, marcas, afinal, das mais fortes da nossa modernidade.

Há modernidade na Arte da Teresa a qual promete perdurar, por ser alegre e cheia de luz. Infunde optimismo e reforça a Esperança.

Fernando Catarino

* 1989, Marshall Berman, Tudo que é sólido se dissolve no ar., Edições 70, Lisboa.

Materiais:

_técnica mista: ferro, arame, ouro, bronze, redes metálicas, cobre, prata, bronze, madeira, bambu, osso, palme, sementes, faiança, esparto, ceda, rafia, cânhamo.

Dimensões médias: _180x200x140 mm.